

AS VONTADES E A LINGUAGEM

o *Ensaio sobre a origem das línguas* de Jean-Jacques Rousseau

WILLS AND LANGUAGE

the *Essay on the origin of languages* by Jean-Jacques Rousseau

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v11i1.53188>

Manoel Carvalho*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<http://lattes.cnpq.br/3383107648074125>

<https://orcid.org/0000-0002-2952-476X>

jarbasvc@gmail.com

* Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Filosofia e Sociologia da Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Ética e Filosofia Política e Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atuou como Professor Auxiliar do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Manoel Carvalho

Resumo

A linguagem acompanha o desenvolvimento da perfectibilidade humana. Na antropologia rousseauiana, os processos que conduzem o homem natural ao homem policiado são transpassados pela instituição da linguagem e dos seus desdobramentos. Os percursos das vontades humanas no *Ensaio sobre a origem das línguas* (1759) são concomitantes aos estágios do homem descritos por Rousseau em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens* (1755). Nosso objetivo neste artigo é entender a gênese e o avanço das línguas como determinantes para o encaminhamento do homem em direção à sua humanidade. Nesse sentido, dividimos este estudo em três momentos: o primeiro relativo à vida natural e ao grito da natureza; o segundo ao nascimento e ao desenvolvimento da sociabilidade e da linguagem apaixonada; e, por fim, a instituição da sociedade civil e da escrita.

Palavras-chaves: Vontades. Linguagem. Homem. Perfectibilidade. Antropologia.

Abstract

The language accompanies the development of human perfectibility. In Rousseau's anthropology, the processes that lead the natural man to the policed man are permeated by the institution of language and its developments. The paths of human wills in the *Essay on the Origin of Languages* (1759) are concomitant to the stages of man described by Rousseau in his *Discourse on the origin and foundations of inequalities between men* (1755). Our objective in this article is to understand the genesis and advancement of languages as determinants for forwarding of the man towards his humanity. In this sense, we divided this study into three moments: the first relating to natural life and the scream of nature; the second to the birth and development of sociability and passionate language; and, finally, the institution of civil society and writing.

Keywords: Wills. Language. Man. Perfectibility. Anthropology.

Uma existência não tão silenciosa assim...

No início da existência humana nem tudo foi silêncio. É certo que não havia uma linguagem imagética ou articulada e quase nenhuma outra que estivesse relacionada a vida dos indivíduos, pois sequer havia sociabilidade para que ela se tornasse possível. Rousseau (2008, p. 125) indica que os homens primitivos “[...] não estavam ligados por nenhuma ideia de fraternidade comum e, não tendo nenhuma autoridade além da força, julgavam-se inimigos uns dos outros. Eram sua fraqueza e sua ignorância que lhes davam esta opinião^I”. Os indivíduos eram autossuficientes porque suas necessidades nunca iam para além de suas forças; tudo que eles desejavam estavam ao seu alcance, embora desejassem pouco. No entanto, duas situações faziam com que o homem natural saísse do seu habitual silêncio, uma é quando ele corria risco de morte e a outra é quando ele sentia dor. Era o grito da natureza, um grito de horror, que quebrava a monotonia dos dias.

Este alerta de um indivíduo assustado indicava aos seus semelhantes um pedido de socorro; uma vontade de preservação da vida. Este grito da natureza é uma forma de linguagem não intencional porque está submetida aos impulsos primitivos de cada indivíduo. No entanto, parece antever um apelo ao amor de si do outro. O amor de si é um impulso primitivo que nos faz socorrer o próximo. É deste sentimento que nasce a piedade^{II}. Mesmo sendo limitado, a princípio, ao aspecto

I Sobre isso, Rousseau (1999, p. 127) afirma que “Esses tempos de barbárie eram o século de ouro, não por estarem os homens unidos, mas por estarem separados. Cada um, dizem, considerava-se dono de tudo; é possível: mas todos conheciam e desejavam somente o que tinham à mão; suas necessidades, longe de aproximá-los de seus semelhantes, afastavam-nos. Os homens, se quisermos, atacavam-se ao se encontrarem, mas raramente se encontravam. Por toda parte, reinava o estado de guerra, e a Terra inteira estava em paz”.

II Na *Carta a Beaumont*, é possível deduzir que a piedade e a bondade natural do homem são provenientes do amor de si, que é a única paixão que verdadeiramente nasce com o homem (Rousseau, 2005).

físico a piedade é uma ponte entre o eu próprio e o eu do outro^{III}. Nesse sentido, representa a transformação de um ser nucleado em um ser minimamente sociável; mesmo que por um único instante ou por raros momentos de contato um tanto mais duradouro. Rousseau estabelece que:

[...] a piedade representa um sentimento natural, que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda espécie. Ela nos faz, sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer; ela, no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude [...]. [Seus imperativos são:] *Faze a outrem o que deseja que façam a ti [...]* [e] *Alcança o teu bem com o menor mal possível para outrem* (Rousseau, 1999, pp. 78-79, grifo nosso).

Becker (2011) nos lembra o caráter de independência que possuía o homem primitivo. Ele observa que esse estado de isolamento do homem em relação aos seus semelhantes marca na filosofia de Rousseau a distância existente entre o puro estado de natureza e o estado de sociedade. As primeiras formas de expressão humana não foram raciocinadas, mas sentidas. Esta ideia de Rousseau se contrapõe a de Condillac em seu *Essai sur l'origine des connaissances humaines* que sustenta a institui-

III Contudo, o que Rousseau não explica é como ele faz derivar um sentimento inato de justiça de um ser alheio às vicissitudes morais. Goldschmidt (1983) se pergunta: como pode o selvagem ser bom sem ser ele um ser moral? Primeiramente, diz Goldschmidt (1983), no estado de natureza está ausente toda espécie de relação moral e de deveres recíprocos. Numa outra perspectiva, percebe-se no selvagem toda ausência de vício ou de virtude que lhe possa ser inerente (Goldschmidt, 1983). Entretanto, duas possíveis saídas a esse problema nos são apresentadas: na primeira, Goldschmidt (1983) sinaliza que a piedade é de ordem física, e não moral; o homem experimenta através do seu instinto um sentimento de piedade e sua bondade deriva disso. Numa outra perspectiva, Faguet (1910, pp. 48-49) observa que, “[...] Quando Rousseau fala do estado de natureza, é sempre do primeiro estado social que ele fala”. Ou seja, quando Rousseau atribui características morais ao selvagem, como o são a da piedade e a da bondade natural, na verdade ele está se referindo ao homem pertencente a *jeunesse du monde*, que é o período da história humana em que os indivíduos já haviam desenvolvido suas faculdades virtuais. Neste artigo, seguimos a saída proposta por Goldschmidt.

ção de uma sociedade antes mesmo da linguagem e da palavra simultaneamente ao estabelecimento da razão^{IV}. Em seu *Ensaio*, em contraposição as ideias de seu contemporâneo, o genebrino nos diz que a voz da natureza deve falar antes de toda palavra e que é preciso saber pensar antes de aprender a falar^V. Rousseau afirma também, neste escrito, que as necessidades a princípio afastam os homens e que somente as paixões os aproximam. Contudo, é importante observar que o grito da natureza quebra com esta ordem fazendo com que o *amour de soi* os aproxime.

Embora a arte de comunicar seja uma faculdade virtual dos homens desde o início de sua existência^{VI}, sublinhamos que o grito é a primeira forma de linguagem que os homens conheceram; sendo ela também a mais universal. Esta expressão enérgica proveniente do instinto de preservação é um protótipo da linguagem dos gestos, pois provavelmente o indivíduo em perigo não apenas gritava, mas também grunhia e ges-

IV Se Morel (1909) observa uma estreita ligação entre o *Segundo discurso e o Tratado das sensações*, Claparède (1935) nota o distanciamento de Rousseau no *Ensaio sobre a origem das línguas* em relação ao *Essai sur l'origine des connaissances*, de Condillac. Sobre isso, diz ele: “[...] [No Ensaio sobre a origem das línguas,] J.-J. Rousseau se separa de Condillac... Condillac se engana quando sustenta que a primeira linguagem é uma língua bem construída, um método analítico, exprimindo por suas analogias as ligações entre as ideias” (Janet; Séailles *apud* Claparède, 1935, p. 116).
V Starobinski (2011) sinaliza que, para Condillac, a história da linguagem se desenvolve em algumas gerações e que, para Rousseau, esse processo é lento. Ricken (2007), um competente estudioso de Condillac, afirma que, para o autor francês, pensamento e linguagem emergem de um relacionamento recíproco entre a experiência sensorial e os sinais que já existem na sociedade. Para Condillac, lembra o especialista, o estado de natureza já se desenvolve com o pleno uso da razão, na criação dos signos de linguagem, na vinculação desses com o pensamento (Ricken, 2007). Como esclarece Prado Jr: “[...] o que explica a linguagem não é a razão, aquisição tardia da humanidade, mas as paixões – antes de ‘geômetras’, fomos ‘poetas’, diz o *Ensaio* [...]; a organização social, o regime da intersubjetividade, o lugar do poder na sociedade não são fatores externos ou coisas ocasionais na constituição da linguagem [...]. Convém reafirmar este ponto: não que a linguagem seja para Rousseau fenômeno derivado da sociedade. É mais que isso, é a primeira instituição social, e as demais não passam de formas de linguagem” (Prado Jr., 2008, p. 24).

VI Starobinski esclarece que, para Rousseau, “[...] o homem não é originalmente dotado de palavra. A linguagem não é uma faculdade que o homem soube exercer de imediato: é uma aquisição, mas uma aquisição tornada possível por disposições presentes desde a origem e por muito tempo inexploradas” (Starobinski, 2011, pp. 410-411).

ticulava em seu pedido de socorro. Essa forma de expressar os nossos sentimentos é universal, o que nos leva a crer que havia, a princípio, uma espécie de língua pangeica que ligava os homens limitados a um mesmo espaço da terra.

O principal objeto de estudo de Rousseau é o homem. No entanto, nosso autor reconhece que os animais também se comunicam visto que são capazes de transformar os materiais captados pelos sentidos em ideias. Ademais, a simplicidade e a uniformidade da vida natural, a princípio, tornam homens e animais semelhantes. Todavia, diferente dos animais, o homem possui liberdade e perfectibilidade. Enquanto os animais se adaptam às condições do meio que o cercam e sua linguagem se limita aos sons repetidos desde os primórdios de sua existência, o homem em sua liberdade é capaz não apenas de se adaptar à natureza que o cerca, bem como de submetê-la às suas necessidades^{VII}. Daí o sinal de sua perfectibilidade que ao longo de sua história engendra novas linguagens.

O grito da natureza perdeu sua hegemonia ao longo do tempo na medida em que as ideias dos homens começaram a estenderem-se e a multiplicarem-se. A partir disso, se estabeleceu entre os indivíduos uma comunicação mais íntima; se expandiram os sinais e as línguas se tornaram mais extensas; aumentaram as inflexões da voz e a elas uniram-se os gestos. Deste modo, as línguas se tornaram múltiplas e variadas e com isso a língua original dos homens perdeu sua universalidade. Em relação ao grito da natureza a linguagem dos gestos é mais expressiva, menos determinada pelos instintos e pelo meio que cerca o homem. Assim, ela é menos espontânea e natural do que sua antecessora.

VII “Entre todas as criaturas, o homem é o único que tem por natureza o poder de sair do seu estado primitivo [...]; a linguagem é um efeito tardio de uma faculdade primitiva: é o resultado de um desenvolvimento protelado. Natural em sua origem, ela constitui uma antinatureza em seus resultados. O perigoso privilégio do homem é ter em sua própria natureza a fonte dos poderes pelos quais se oporá à sua natureza e à Natureza” (Starobinski, 2011, pp. 410-411).

Gênese e desenvolvimento da sociabilidade e da linguagem apaixonada

A linguagem dos gestos é a segunda forma de linguagem entre os homens. Ela aparece quando os indivíduos começaram a se unir com outros indivíduos a fim de ultrapassar as intempéries naturais e defender sua sobrevivência não apenas individualmente, mas coletivamente. Esta vontade de perseverar na existência, agora não apenas egoisticamente, fez com que aos poucos os homens procurassem satisfazer suas novas necessidades através de suas faculdades não mais virtuais, mas ativas. Assim, neste momento inicial da sociabilidade humana, esta nova linguagem pantomímica foi criada com o intuito de solucionar os problemas cotidianos.

A linguagem dos gestos nasce com a sociabilidade, pois, como vimos, se a princípio as necessidades afastaram os homens, com a sociabilidade elas os aproximaram. A língua gestual não representou apenas a descrição dos objetos, mas uma vontade, mesmo que limitada, de representar os nossos sentimentos. Embora artificial, porque nascida das relações sociais, esta linguagem é mais alegre pois é espontânea e natural. Gesticular é mostrar nossa inquietação natural, pois toda força de nossa linguagem reside nos braços. Sendo assim, o gesto é a representação animada do objeto e por muito tempo acreditou-se falar melhor aos olhos do que aos ouvidos.

A linguagem dos gestos enfrenta diversos problemas, principalmente, em sociedades complexas que exigem, por exemplo, a instituição de leis e o amplo debate público para a escolha de representantes por parte dos cidadãos. Por outro lado, a simplicidade desta forma de linguagem esbarra também em outras dificuldades como, *verbi gratia*, comunicar ideias aos cegos. Estes problemas só poderão ser resolvidos pela voz que excita melhor os nossos interesses. Contudo, é importante destacar, nesse sentido, que entre o movimento e a voz o que existe é um desenvolvimento processual e histórico claramente a favor desta última que

é mais eficiente, embora, como dissemos, menos espontânea e natural do que a sua antecessora.

O aperfeiçoamento da sociabilidade com a transformação dos clãs familiares em tribos complexas gerou uma profunda mudança na estrutura linguística daquelas sociedades. No entanto, antes de falarmos do início do uso das palavras, é mister destacar que entre os gestos e a linguagem articulada há uma mudança de atitude para sanear as questões humanas. Se anteriormente o gestual servia para resolver necessidades urgentes relacionados aos problemas cotidianos, com o avanço da sociabilidade, nascem outros problemas que é preciso solucionar como aqueles relativos à comunicação de uma maneira mais satisfatória dos nossos sentimentos; e é isto que chamamos de uma linguagem moral porque ela surge para satisfazer outras necessidades em uma vida completamente integrada à sociedade.

Em uma sociabilidade complexa, os indivíduos sentiram necessidade de comunicar ainda mais os seus sentimentos; as palavras são os reflexos de nossas paixões^{VIII}. A origem das línguas encontra-se em nossas necessidades morais. Assim, como a linguagem é anterior à sociedade, a moral é anterior as regras gravadas em pedras. Nascida dos costumes, a moral é uma expressão das paixões humanas, isto é, ela é uma manifestação dos nossos sentimentos. Na genealogia da moral rousseuniana, podemos afirmar que os nossos sentimentos são provenientes dos nossos sentidos, porém, as nossas afecções também interagem com a nossa sensibilidade fixando sobre ela a sua impressão. Assim, por exemplo, da dor do outro nasce a piedade e da atração sexual nasce o amor. Deste modo, podemos dizer que não é a fome ou a sede, mas a comiseração e os afetos que arrancaram as primeiras vozes humanas.

VIII No *Ensaio sobre a origem das línguas*, como não deixaremos de notar, a paixão é a mola mestre do desenvolvimento da linguagem. Mesmo quando a linguagem apaixonada perde a força do páthos, são as paixões reativas que criam novas formas de linguagem, como a métrica na música (a harmonia), a prosa em substituição à poesia e a escrita como expressão enfraquecida da oralidade. As paixões, para Rousseau, portanto, são ativas quando se expandem através dos sentimentos e negativas quando se corrigem pela razão.

As palavras comunicam as paixões; a espontaneidade humana comunica suas impressões sobre os objetos que lhe chamam a atenção. E estas impressões não são somente comunicados por palavras, mas como vimos, através dos gestos, imagens, figuras e sentimentos como, por exemplo, o choro e o riso. É a vontade de comunicar nossas paixões em uma sociabilidade cada vez mais multifacetada que determina o desenvolvimento da linguagem. Nossas paixões nascem de nossas impressões despertada pela contingência e pela nossa sensibilidade moral. Contudo, como temos vontade de comunicá-las, pois a vontade que é responsável pelas modificações da língua e do palato, é que criamos a fala.

O que nos faz falar são as nossas paixões e nossas primeiras palavras foram plurissignificativas. A linguagem figurada foi a primeira a nascer e o sentido próprio das palavras foi a última a ser encontrada^{IX}. A princípio só se falou através de poesias e só muito tempo depois os homens começaram a raciocinar. A poesia é a expressão dos nossos sentimentos; não há lógica inicialmente nas palavras. A linguagem figurada reproduz nossas emoções e expressa uma imagem ilusória da realidade permeada pela imaginação e sem compromisso com a verdade. Apenas

IX Numa posição antagônica a de Rousseau (2008), Condillac (2010) narra a história em que duas crianças descobrem a linguagem, ou seja, o significado próprio das coisas, primeiramente através da observação mútua dos seus gritos e, em seguida, através da observação mútua dos seus gestos. A linguagem de ação, descrita por Condillac (2010), é aquela dos sons articulados considerados em sua origem. Morel (1909) considera que Rousseau dá pouca importância à linguagem de ação; para o genebrino, consoante Morel (1909), ela é rara e pouco eficaz. Claparède (1935) indica que Rousseau se opõe à linguagem de ação de Condillac (2010) por três motivos: 1) Por ela ser proveniente do esforço da criança, pressupondo que nela, desde já, há uma capacidade de abstração racional semelhante à do adulto civilizado; 2) Por Condillac conceber uma sociedade instituída, quando os gritos não representavam mais do que a imitação da natureza; e 3) Por haver um significado racional imanente ao grito, quando, na verdade, a linguagem humana limitava-se a expressar apenas suas paixões mais imediatas.

quando o espírito esclarecido age é que a metáfora, produto da linguagem apaixonada, se torna crível^X.

As primeiras articulações foram moduladas pelas nossas paixões e pelos órgãos da fala. Vozes raivosas, mais parecidas com grunhidos, eram articuladas pela língua e pelo palato; vozes ternas, mais melódicas, eram articuladas pela glote. As paixões dão aos órgãos da fala e a voz todo seu brilho, assim como ela é a origem comum dos cantos, das palavras e dos versos. As paixões falaram antes da razão, ou seja, a poesia manifestou-se antes da prosa; no início dizer e cantar eram a mesma coisa. Nessas épocas felizes, os homens se dirigiam diretamente uns aos corações dos outros.

É preciso esclarecer que Rousseau em seu *Ensaio* dedica um longo capítulo ao nascimento das línguas meridionais, ao qual dissertamos até agora nesta discussão. Por outro lado, ele pouco escreve sobre o início e o desenvolvimento das línguas do norte. É importante destacar, no entanto, duas coisas: a primeira é que no começo da história humana a única língua universal foi o grito da natureza, pois, nosso autor presume, que o gênero humano tenha nascido e se concentrado inicialmente

X Transcreveremos literalmente uma passagem do *Ensaio* que ilustra o pensamento do genebrino sobre a diferença entre a linguagem figurada e a linguagem esclarecida. Iremos perceber neste excerto que Rousseau considera que a verdade é uma ligação entre o que é e o que é verdadeiramente percebido. Isto, no entanto, não desabona a linguagem apaixonada porque, como perceberemos em outras partes deste trabalho, ela é carregada de sentimentos que mostram como suas manifestações são sinceras e verossímeis. Segue o trecho sugerido: “Um homem selvagem, encontrando outros, inicialmente ter-se-ia amedrontado. Seu terror tê-lo-ia levado a ver esses homens maiores e mais fortes do que ele próprio e a dar-lhes o nome de gigantes. Depois de muitas experiências, reconheceria que, não sendo esses pretensos gigantes nem maiores nem mais fortes do que ele, à sua estatura não convinha a ideia que a princípio ligara a palavra gigante. Inventaria, pois, um outro nome comum a ele e a si próprio, como, por exemplo, o nome homem e deixaria o de gigante para o falso objeto que o impressionara durante sua ilusão. Aí está como a palavra figurada nasce, antes da própria, quando a paixão nos fascina os olhos e a primeira ideia que nos oferece não é a da verdade. [...] a imagem ilusória oferecida pela paixão, a linguagem que lhe corresponderia foi também a primeira inventada; depois tornou-se metafórica quando o espírito esclarecido, reconhecendo seu próprio erro, só empregou as expressões para as próprias paixões que as produziram” (Rousseau, 1999, pp. 267-268).

nas regiões quentes – talvez, provavelmente, na África – e depois tenha havido uma diáspora humana que se espalhou sobre diversas regiões da terra; a segunda, consequência desta, é que as línguas não são homogêneas e dependem sobremaneira das condições climáticas.

As condições climáticas específicas de cada região determinam o tipo de sociabilidade e de língua que se originará dela. Podemos dizer que Rousseau é um autor determinista porque ele acredita que é o clima que impõe as condições de como tal ou tal língua surgiu e se desenvolveu, embora ele saliente que em sua origem e composição as línguas sejam diferentes. Por exemplo, as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos do norte se devem as condições desfavoráveis relativas ao meio. No norte, não foi o sentimento que aproximou os homens, mas as necessidades que impuseram o trabalho para todos. Por isso, sua língua é menos apaixonada porque o trabalho recalca às paixões.

As línguas meridionais são vivas, sonoras, acentuadas, eloquentes, embora obscuras, devido a pluralidade das paixões que são empregadas nelas. As do norte, por sua vez, são surdas, rudes, articuladas, claras e monótonas devido à força das palavras e a necessidade de ultrapassar as dificuldades latentes. Estas variedades refletem não apenas as diferenças entre as línguas e as condições climáticas, mas como se deu a sociabilidade nestes lugares, pois se no sul o amor despertou mais cedo devido às comodidades da vida, no norte as relações entre as pessoas eram mais frias, porque o objetivo de cada um era assegurar a própria vida; aqui não se desejou o amor, mas a ajuda.

O que podemos entender da antropologia rousseauniana, em resumo, é que antes da dispersão, todas as individualidades viviam uma vida uniforme. No início da história humana havia um só povo e todos os indivíduos viveram um só estilo de vida. Nosso autor deixa entrever, em seu estudo sobre os homens, que no *commencement de l'humanité* havia apenas um único território e que a providência divina o separou gerando além dos continentes a migração dos seres humanos. A partir disso, os indivíduos reunidos criaram seus costumes de acordo com os climas em que estes se instalaram; daí a diferença da origem e do desenvolvimento entre as línguas do sul e as línguas do norte.

Numa arque-genealogia da vontade o que podemos notar na antropologia empreendida por Rousseau é que existe uma sociabilidade mais rica e complexa ao sul onde as vontades querem ser reconhecidas; e uma outra sociabilidade, ao norte, mais árida, onde a vontade se formou não sem a colaboração dos outros, entretanto, sobremaneira, com uma necessidade premente de garantir cada existência individual.

Nosso autor não deixa claro essas diferenças entre o sul e o norte quando se propõe a analisar a influência da música na formação das línguas. Contudo, ele parece orientar sua análise às línguas meridionais porque elas são línguas originalmente poéticas. É importante lembrar que primeiro falou-se por poesia e só muito tempo depois descobriu-se a prosa. Na origem das línguas, dizer e cantar eram as mesmas coisas, pois não se fala apenas através das articulações vocais, mas também através dos sons e pelos seus ritmos. Assim, no início, não houve outra música além dos sons melódiosos da fala, bem como outra melodia que não o som variado da palavra.

Para transmitir sentimentos e imagens é necessário ritmos e sons, ou seja, necessita-se da melodia. A música não é apenas uma forma de linguagem, mas é uma linguagem moral. Em discordância com Condillac em seu *Tratado das sensações*, Rousseau no *Ensaio* não nega que os homens são transformados pelos sentidos, como defende o seu contemporâneo, mas estes últimos não são limitados a mera recepção dos sons que nos afetam, os sentidos também nos transformam, principalmente, pelas imagens e pelos efeitos morais que eles carregam e que são transmitidos

para nós^{XI}. Desta maneira, podemos dizer, que os sentidos não apenas nos tocam como também são transformados pelos nossos sentimentos que se projetam sobre eles imprimindo suas marcas morais. A autoridade que a música exerce sobre nossa alma não é façanha unicamente dos sons, mas das paixões por elas reveladas e que tem a intenção de nos comover.

A melodia é o agente moral dos nossos sentimentos; ela não apenas toca as nossas sensações, mas, sobremaneira, suscita nossas paixões; ela as imita. A beleza dos sons nos atinge duplamente: primeiro através dos sentidos e depois por meio de suas inflexões que são carregadas de sentimentos e que atingem nosso coração. A complexa arte de combinar os sons, cuja a música é o seu resultado, alcança a cada um de nós de uma maneira única; para uns ela causa emoção e para outros, ao contrário, ela gera uma certa indiferença. Rousseau é sensível as questões culturais de cada lugar e sabe como elas nos afetam particularmente, mas, mais do que isso, como cada um de nós as ressignifica de uma maneira própria. As subjetividades se compõem através de suas interações com o meio e isto é significativo, como vimos, para a formação e o desenvolvimento das línguas.

A divergência de Rousseau com Condillac em seu *Essai* reside na ideia de que a música não nos toca apenas pelos ouvidos, mas se endereça, principalmente, ao nosso coração. Para o genebrino, os sons não agem em nós unicamente através de suas vibrações, como entende o seu contemporâneo, mas como o resultado dos nossos sentimentos. Desse modo, a melodia nos atravessa fazendo com que reconheçamos as

XI Condillac (2010, p. 173), contra a melodia e a favor da harmonia, aponta que: “A prosódia mais perfeita é aquela que, por sua harmonia, é mais própria a todas as espécies de caracteres. Três coisas concorrem à harmonia, a qualidade dos sons, os intervalos por onde elas se sucedem e o movimento”. Em clara discordância com Condillac, Rousseau (2008, p. 174) sinaliza que: “Esquecida a melodia e estando a atenção do músico voltada inteiramente para a harmonia, tudo se dirigiu pouco a pouco para este novo objeto; os gêneros, os modos, as escalas, tudo recebeu uma nova fisionomia: foram as sucessões harmônicas que regulamentaram a marcha das partes. Tendo essa marcha usurpado o nome de melodia, não foi possível ignorar, de fato, nessa nova melodia, os traços de sua mãe; e tendo-se nosso sistema musical tornado assim, aos poucos, puramente harmônico, não é de espantar que o acento oral tenha sido prejudicado e que a música tenha perdido para nós quase toda a sua energia”.

imagens que ela carrega. A música é fruto das nossas vontades, dos nossos afetos e se expressa pela melodia que dela flui. É, por isso, que as primeiras tentativas de nos comunicarmos por palavras, revelaram, segundo Rousseau, mais do que as nossas necessidades, mas, sobretudo, os nossos sentimentos.

A verdadeira linguagem universal é aquela que fala ao coração e que faz com que ele também se comunique. São as vontades particulares que se expressam através da melodia. É pela melodia que essas vontades se projetam universalmente e é também através dela que os corações se aproximam. Rousseau nos diz que o *pathos* da paixão é muito forte nas línguas originais, por isso, que a princípio, elas são mais cantadas do que faladas. Esses sentimentos compartilhados, estão associados ao lugar e a família ao qual os indivíduos estão inseridos. Como dissemos, Rousseau é sensível as particularidades, isto é, aos costumes de cada lugar. No entanto, isto não anula o que chamamos aqui de uma linguagem universal porque ela representa a reunião das vontades – o universal - em um *locus* específico; que designaremos neste trabalho de um “universal localizado”.

O enfraquecimento das línguas é proveniente do seu desenvolvimento, este é o seu paradoxo. E isto ocorre quando a melodia impõe a si mesma novas regras. A partir disso, foi possível notar a substituição dos sentimentos responsáveis pelas inflexões da voz pelo cálculo dos intervalos em uma língua cada vez mais fria e raciocinada. O teatro é a representação fidedigna dessa mudança. Quando as representações teatrais se tornaram mais frequentes no seio do povo, só se cantou de modo calculado a fim de imitar de maneira artificial aquilo que seria o objeto da crítica. Desse modo, contraditoriamente, à medida que se espalhavam as regras de imitação, uma imitação cada vez mais dissimulada, a língua imitativa da natureza, ou mais próxima dela, se enfraquecia. A harmonia ganha espaço nessa disputa e aos poucos ela se torna vitoriosa. Ela é produto do desenvolvimento das artes, em particular, da música. A coesão representa a perda do *pathos* das paixões que nos tocam naturalmente e ao qual a melodia representa tão bem. O que existe entre a harmonia e a melodia é uma tensão entre a artificialidade e a natureza. No entanto, mesmo sendo o genebrino um entusiasta da espontaneidade musical, ele sabe que este movimento entre o artificial

e o natural em arte é inevitável porque acompanha o paradoxismo da perfectibilidade humana e a inevitável degeneração moral dos homens ao longo da história.

De uma forma mais ampla, o avanço da música cada vez mais harmônica significou que a linguagem entre as pessoas foi tornando-se também mais complexa porque, simultaneamente a isso, já havia entre elas uma sociabilidade avançada. Em seu tempo, Rousseau esteve envolvido em um embate de ideias com o musicista J.-P. Rameau. Inclusive, em parte, a motivação para a escrita do *Ensaio* deveu-se a esse debate com o seu contemporâneo. O genebrino sugere que o músico em questão acredita que os homens nasceram com a faculdade de julgar plenamente desenvolvida e que em música eles desde sempre estiveram preparados para avaliar os meandros de uma composição musical. Diferente do seu oponente, Rousseau advoga o aperfeiçoamento das línguas e o desenvolvimento das faculdades humanas ao longo da história. Assim, para ele, a harmonia não veio antes da melodia, como supostamente quer Rameau, mas o contrário, primeiro falou-se ao coração e somente depois explicou-se alguma coisa racionalmente.

A melodia ao mesmo tempo que imita nossas paixões, as comunica. A harmonia, por sua vez, produz a ordenação dos sons, isto é, de suas inflexões, comunicando-as através de leis. Contudo, nos alerta Rousseau, a harmonia sozinha é insuficiente para externar as emoções que dependem das inflexões melódicas que compõem uma música. O exemplo que nosso autor nos oferece é proveniente dos fenômenos naturais, em particular, o da tempestade. Apenas o ruído que ela provoca é insuficiente para transmitir as pessoas o seu real perigo. São os grandes estrondos e as inflexões que ela dissemina que demonstram a sua força. O ruído constante seria a harmonia sempre equilibrada e os sobressaltos que ela produz a melodia que lhe é natural. Este exemplo suscito serve para ilustrar que a harmonia sem a melodia é incapaz de comunicar os nossos sentimentos.

A racionalização da linguagem musical representou um avanço para a composição da música e um perigo quando pensamos em sua origem apaixonada. Se a princípio os homens denotavam seus sentimentos pelas inflexões da voz, as palavras eram mais sinceras, pois imitavam na-

turalmente o que estes sentiam. À medida que a língua foi se transformando artificialmente em um cálculo, para garantir interesses, ela se metamorfoseou em um instrumento para ganhar disputas e privilegiar indivíduos cada vez mais atomizados. A vontade-linguagem antes natural, verdadeira e empática tornou-se com o passar dos séculos em uma vontade-linguagem fria, dissimulada e egoísta.

A mecanização e o uso instrumental que passou a ser dominante, relativamente à composição musical, não retirou dela seu caráter sentimental, a melodia, mesmo porque não existe música integralmente harmônica, mas este cálculo passou a manipular os nossos sentimentos em direção a interesses cada vez mais pessoais e artificiais ao mesmo tempo. Para salientar isto, no *Ensaio* Rousseau afirma que seus contemporâneos, especialmente os intelectuais, procuraram medir com atenção todas as coisas, contudo, não viram nelas qualquer traço de sentimento e moralidade. Que diríamos de um músico, por exemplo, que dispensando a melodia quisesse transmitir seus sentimentos apenas através da harmonia? Certamente não conseguiria, pois a beleza dos sons pertence unicamente à natureza, enquanto seu efeito é puramente físico.

A escrita, nesse contexto, aparece no *Ensaio* como o último grau de desenvolvimento da linguagem. Neste escrito, Rousseau afirma, que a racionalização das línguas, principalmente, com o advento da linguagem escrita, representou a perda do *pathos* das paixões típica das línguas originais, transformando-as em uma forma de comunicar nossas vontades de uma maneira mais artificiosa e menos natural. O genebrino cita o exemplo de Homero para dizer que só ele havia cantado os desejos das divindades olímpicas, representando assim, verdadeiramente, o cabedal cultural dos povos helênicos; enquanto os outros poetas escreviam a história do povo, mas sem saber sentir os seus anseios, apenas julgando-o como os era de costume.

O canto aos poucos se tornou distante da palavra. A escrita, como linguagem formal, apagou, em grande medida, os sentimentos impregnados nas inflexões da fala. Assim como a harmonia gradualmente suplantou as sutilezas melódicas da música, a escrita solapou o poder de emocionar da voz. A linguagem escrita surgiu para atender as necessi-

dades de uma sociedade cada vez mais complexa. A princípio ela serviu para fixar as narrativas religiosas dos antigos deuses tribais e depois foi importante para registrar a contabilidade do Estado. Aliás, por muito tempo a escrita serviu à burocracia estatal. Esta forma de inventariar as riquezas dos antigos reinos foi também aquela que orientou posteriormente outros registros escritos. A formalidade e a frieza ao qual a escrita esteve circunscrita no começo de sua função servirá de modelo para o tipo de controle que o político exerceu sobre os seus súditos. Quanto mais a linguagem se distanciou do seu uso comum e apaixonado, mas ela serviu de instrumento para controlar os indivíduos. As leis fixadas pelos governantes, *verbi gratia*, serviram por fim para fortalecê-los.

A instituição da sociedade civil e da escrita

No Capítulo XVII do *Ensaio* Rousseau afirma que desde que os músicos consideraram em seu ofício apenas o poder dos sons segundo suas funções estritamente físicas – a ação do ar e o vibrar das fibras nervosas – eles estão longe de reconhecer em que consiste a força de sua arte. Quanto mais se distanciam das paixões, mais empobrecem o poder dos sons. Assim, abandonando as inflexões e atendendo apenas às instituições harmônicas, a música se torna mais estrepitosa e menos agradável ao coração. Aos poucos, em um longo caminhar da história, os homens deixaram de expressar os seus sentimentos; primeiro eles deixaram de falar e depois de cantar assim. Destarte, mesmo com todo o aparato harmônico, se não se fala mais aos corações, a linguagem musical deixará de ter cumprido sua principal função que é de comunicar as emoções humanas.

Não apenas a música sofreu o processo da perda do *pathos* das paixões, mas, como indicamos, a fala também foi afetada por isso. Esta marcha se deu, segundo Rousseau, em geral, com o desenvolvimento da filosofia e das artes e, em particular, com o desenvolvimento do teatro. A partir disso, em certos lugares do mundo, e depois em praticamente todo ele,

a linguagem se tornou metódica porque pensada com vistas a um objetivo friamente calculado. À medida que a representação teatral ampliou suas atividades, como vimos, as regras de imitação se tornaram hegemônicas frente à linguagem originariamente imitativa. Por outro lado, porém concomitante a esse movimento, com o aperfeiçoamento das línguas, em especial da gramática, a filosofia se desenvolveu impondo a lógica como regra. A partir desses eventos a arte de convencer, constata nosso autor, tornou-se maior do que a arte de comover.

Sobre a atuação da filosofia, em particular no cenário cultural da Antiguidade grega, Rousseau identifica sua assunção à tirania política. Ele afirma que se antes o povo cantava seus heróis, os filósofos usavam sua arte para louvar seus tiranos. O avanço da especulação filosófica não significou, para o genebrino, o expurgo dos vícios sociais, mas, ao contrário, o desenvolvimento de uma elite cultural adulatora do poder político. Assim, em consequência disso, não só a filosofia não afastou à estupidez que inundou à Europa desde as invasões bárbaras, mas foi um elemento a mais da degeneração da cultura popular. Aliás, desde o seu surgimento a democracia ateniense, símbolo maior da política grega, foi adestrada discursivamente pelos sofistas, assim, desde então, paradoxalmente, não mais se ouviu a voz do povo, mas as reivindicações de uma elite econômica e culturalmente letrada.

Rousseau identifica, como vimos, no desenvolvimento da linguagem, a decadência do gênero humano. E isto se deve a gradual perda da capacidade das pessoas de expressar suas emoções ao longo da história. Não que a racionalização das línguas tenha recalcado completamente nossos sentimentos, mas, na avaliação de Rousseau, nossa espécie sofreu um déficit, através dos tempos, de espontaneamente mostrar a si própria pela linguagem. O avanço das ciências e das artes, em especial do teatro e da filosofia, como vimos, criou uma série de artifícios entre os homens. Assim, à medida que a sociabilidade prosperou, o que se assistimos foram vontades-subjetividades cada vez menos espontâneas e mais presas as suas máscaras sociais.

A escrita emudeceu as inclinações naturais da fala. Este silenciamento, como antecipamos, foi percebido pelos poderosos como uma forma de

dominar os povos. O rebaixamento das línguas populares, em relação a eloquência, tornou-se o motivo para cooptar a todos pelo discurso. Esta é a relação entre as línguas e o governo que Rousseau descreve no Capítulo XX do seu *Ensaio*. A estratégia da política moderna, sublinha o genebrino, não é reunir ninguém, mas manter os súditos esparsos. Isto, infelizmente, constata o genebrino, não são avanços nem fortuitos e nem arbitrários, todavia, prendem-se às vicissitudes das coisas. Rousseau reconhece, a partir disso, que as línguas se alteram de acordo com as necessidades dos homens e essas mudanças, em seu tempo, são sintomas do divórcio entre a representatividade dos dialetos populares e a linguagem persuasiva própria do discurso político.

O método de separar as pessoas para conquistar o poder político só se torna possível através do discurso. Rousseau considera línguas escravizadas aquelas que não podem ser ouvidas publicamente pelo povo. Quando o espírito popular é capturado por decretos a escrita, proveniente dos gabinetes, torna-se a responsável por direcionar toda a vida social. A partir disso, as subjetividades passam a ser formatadas para servir ao *status quo*; os indivíduos perdem sua autonomia porque não conseguem mais representar suas vontades e também perdem sua liberdade porque acima de si paira um poder que os é completamente estranho. No entanto, e apesar de tudo, com o passar do tempo essa prática dos poderosos se legitima, pois se torna uma conduta socialmente aceita; a língua manipulada para servir ao propósito do “dividir para conquistar” atinge o seu propósito.

Considerações finais

Rousseau enxerga no desenvolvimento da perfectibilidade humana o progresso e a perdição do gênero. É inegável que os desenvolvimentos de nossas faculdades representam igualmente a conquista de nossa humanidade; os indivíduos não nascem, mas se constituem como seres humanos ao longo da história. Por outro lado, à medida que os homens

transformam à natureza, eles também se distanciam dela. Eles criam com o passar do tempo inúmeros artifícios entre eles e os outros homens e entre eles e à natureza. As ciências e as artes são o resultado do aperfeiçoamento dos recursos cognitivos dos homens, assim como, o sinal de uma sociabilidade cada vez mais avançada. Asseveramos que Rousseau não é um detrator das luzes, mas um crítico de um certo tipo de racionalidade que está mais próxima a um ser-fazer irracional dos seres humanos, pois estes destroem à natureza e criam entre eles às desigualdades sociais. Por fim, nosso autor é sabedor da irreversibilidade da evolução das línguas e dos progressos da própria espécie humana. Assim, não é possível, para ele, retornarmos a uma natureza humana primeva que é pura e inocente. O que nos resta, pensa nosso autor, é oferecermos à sociedade a denúncia dos seus vícios e, a partir disso, esperando sua autocrítica, pensarmos alternativas para que tenhamos uma boa vida em sociedade

REFERÊNCIAS

- BECKER, Evaldo. Política e linguagem em Rousseau e Condillac. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 52, n. 123, p. 49-74, jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2011000100003>.
- CLAPARÈDE, Édouard. Rousseau et l'origine du langage. *Annales de la Société J.-J. Rousseau*, Genève, n. 24, p. 95-120, 1935.
- CONDILLAC, Étienne Bonot de. *Essai sur l'origine des connaissances humaines*. Paris: De l'Imprimerie de Ch. Houel, 2010.
- CONDILLAC, Étienne Bonot de. *Tratado das sensações*. Campinas: Unicamp, 1993.
- FAGUET, Émile. *Rousseau penseur*. Paris: Société Française, 1910.
- GOLDSCHIMIDT, Victor. *Anthropologie et politique: les principes du système de Rousseau*. Paris: J. Vrin, 1983.
- MOREL, Jean. Les sources du Deuxième Discours. *Annales de la Société J.-J. Rousseau*, Genève, v. 5, p. 119-198, 1909.
- PRADO JÚNIOR, Bento. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RICKEN, Ulrich. Etienne Bonnot de Condillac – Iluminismo como antropologia sensualista e filosofia da linguagem. In: KREIMENDAHL, Lothar (Org.). *Filósofos do século XVIII*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, pp. 214-235.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres complètes*. Bibliothèque de la Pléiade: Éd. Bernard Gagnebin & Marcel Raymond. Paris: Gallimard, 1959-1995. 5 tomos.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. São Paulo: Nova Abril Cultural, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. São Paulo: Nova Abril Cultural, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta pastoral de Christophe de Beaumont, arcebispo de Paris. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a*

Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, pp. 217-236.
STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Recebido em 19 de março de 2024
Aprovado em 09 de abril de 2024
Publicado em 16 de agosto de 2024